



258

SILENCIAMENTO E AUSÊNCIAS NA CONTABILIDADE – COMO O ENTRELACAMENTO DE RELAÇÕES ACOLHEM A NOSSA PERMANÊNCIA NO AMBIENTE ACADÊMICO?

Doutor/Ph.D. Janaína Rute da Silva Caetano Dourado [ORCID iD](#)

USP, São Paulo, SP, Brazil

Doutor/Ph.D. Janaína Rute da Silva Caetano Dourado

[0000-0003-4495-8483](#)

Programa de Pós-Graduação/Course

Pós-Graduação da USP - FEA - Contabilidade

Resumo/Abstract

A presente proposta busca tratar do aprofundamento das relações de ausências e silenciamentos no ambiente acadêmico. É parte de uma tradição de pesquisas que traz abordagens qualitativas relacionadas à área de contabilidade, em que se entrelaçam gênero, classe social, sexualidade e raça. Essas abordagens levam a caminhar para as teorias interseccionais, colocando em consideração as ausências e os silenciamentos causados no ambiente acadêmico que trouxeram reflexões sobre os entrelaçamentos de vivências e de vidas que poderiam contar novas histórias e, juntas, alcançarem outras possibilidades. Demonstram, assim, alta capacidade de incorporar conhecimentos. Nosso argumento é que ao construir espaços de acolhimento e de escuta, permite-se a construção de uma Universidade mais ampla, diversa e sustentável, alinhada com os desafios sociais e questionamentos que estão colocados para as instituições de ensino superior.

Modalidade/Type

Artigo Científico / Scientific Paper

Área Temática/Research Area

Diversidade e Inclusão no Contexto Organizacional e Contábil (DICOC) / Diversity and Inclusion in the Organizational and Accounting Context

SILENCIAMENTO E AUSÊNCIAS NA CONTABILIDADE – COMO O ENTRELACAMENTO DE RELAÇÕES ACOLHEM A NOSSA PERMANÊNCIA NO AMBIENTE ACADÊMICO?

RESUMO

A presente proposta busca tratar do aprofundamento das relações de ausências e silenciamentos no ambiente acadêmico. É parte de uma tradição de pesquisas que traz abordagens qualitativas relacionadas à área de contabilidade, em que se entrelaçam gênero, classe social, sexualidade e raça. Essas abordagens levam a caminhar para as teorias interseccionais, colocando em consideração as ausências e os silenciamentos causados no ambiente acadêmico que trouxeram reflexões sobre os entrelaçamentos de vivências e de vidas que poderiam contar novas histórias e, juntas, alcançarem outras possibilidades. Demonstram, assim, alta capacidade de incorporar conhecimentos. Nosso argumento é que ao construir espaços de acolhimento e de escuta, permite-se a construção de uma Universidade mais ampla, diversa e sustentável, alinhada com os desafios sociais e questionamentos que estão colocados para as instituições de ensino superior.

PALAVRAS-CHAVE: Interseccionalidade. Autoetnografia. Silenciamento. Ausências. Voz

1. Contexto da pesquisa

A proposta de trabalho é apresentar uma autoetnografia, uma pesquisa de cunho qualitativo, com o objetivo de compreender e registrar as experiências, permanências e silenciamentos no ambiente acadêmico.

A busca é por estabelecer relações, para colaborar com o aprofundamento da pesquisa, construindo uma Universidade que dê voz, viabilizando a inserção e a permanência de pessoas na área contábil e de pesquisa, entrelaçando as trajetórias que possibilitaram o prosseguimento e resistência nestes locais de destaque acadêmico ou mesmo andamento e inserção no mundo corporativo.

1.1. Minha trajetória em um exercício de posicionalidade e reflexividade

Lembro-me agora de momentos que nunca poderia ter imaginado: que um dia eu poderia me relacionar com pessoas que possuem tanto conhecimento e acesso à informação. Nem nos meus melhores dias, pensei que eu estaria convivendo com essas pessoas.

Para dar início a minha história dentro dos ambientes pelos quais eu, passei viabilizando relações e tentando compreender o meu papel dentro delas, mesmo sendo no ambiente institucional corporativo ou mesmo acadêmico.

Destaco quem vem antes, e quem muito antes, da minha chegada neste mundo, que as experiências e vidas vividas por eles, me trazem intimamente o que quero reconstruir em alguns momentos como uma dívida histórica e em outros momentos extrapolar, para levá-los em locais que nunca imaginávamos que poderíamos chegar neste tempo.

Os antepassados do meu lado materno tiveram escravos em sua posse e ocorreram episódios terríveis que incorporam a minha ancestralidade com este momento assustador da história, que carrega inúmeras feridas sociais até hoje e que atravessam a minha vida,

como uma dívida que tenho, algo que está profundamente ligado ao que eu faço, registro o meu privilégio de ser branca, mesmo com todas as dificuldades que passei.

Os antepassados do meu lado paterno, ainda em aprofundamento, eram mais simples e retirantes das terras na divisa entre Minas Gerais e Bahia, uma vida dura e que a morte perambulava facilmente com algumas doenças que uma vacina já resolvia, mas o local era extremamente carente.

As terras onde hoje se situa o Município de Carmo da Mata não possuíam habitantes permanentes, sabendo-se apenas que o local abrigou em algumas oportunidades, elementos indesejáveis que fugiam à justiça da época, além de quilombos formados por negros fugidos das fazendas ao redor.

Carmo da Mata foi, no século XVII, a região por onde transitavam, obrigatoriamente, aqueles que se dirigiam a Goiás, pela antiga Picada de Goiás, que indicava o caminho do oeste aos bandeirantes. Por volta de 1753, Inácio Afonso Bragança por ali passou e de tal forma seduziu-lhe a região, que se decidiu nela instalar--se. A terra era fértil, banhada pelo rio Boa Vista, com campinas imensas e matas colossais. O clima, a água abundante e sobretudo a ótima qualidade do solo, tornavam a região o sítio ideal para uma sesmaria.

O primeiro nome dado ao lugar foi Boa Vista, posteriormente trocado para Mata da Boa Vista, com o objetivo de diferenciar o lugar do Rio. Inácio Afonso Bragança para lá se transferiu, tendo de imediato requerido a concessão da sesmaria. Como demorasse o despacho de seu requerimento, sua esposa fez uma promessa a Nossa Senhora do Carmo, a qual foi cumprida quando, em 16 de julho de 1754, veio o despacho desejado. A antiga Boa Vista, contando com uma capelinha em honra à Virgem do Carmo, passaria a chamar-se Ermida da Mata da Senhora do Carmo, posteriormente abreviado para Mata do Carmo.

A origem do topônimo é uma homenagem à santa padroeira, Nossa Senhora do Carmo, e uma alusão às matas existentes no município. (IBGE, 2017, p.1)

Meus pais se encontram em uma cidade, como está no meio do nada, e para eles a importância de tudo.

Minha mãe havia sofrido muitas perdas, um irmão que havia falecido, falecimento de meu avô e a perda da casa que tinham, que foi vendida para pagar dívidas intermináveis, já que meu avô era o único que trabalhava e ele ficou de cama com câncer em dois anos intermináveis, com as perdas, ainda teve um relacionamento que agora ela percebe que foi imensamente abusivo.

E, depois de tudo, encontrar meu pai, um viajante na bagagem, muitas histórias, com muitas promessas, muitos abraços, muitas conquistas e uma vida nova na capital do trabalho, naquele Brasil, e para o mundo do meu pai. Para a minha mãe o príncipe encantado no cavalo branco a tinha encontrado. Vieram para São Paulo com a roupa do corpo, sem absolutamente nada, “moravam de favor” como minha mãe sempre fala, mas meu pai fazia as compras do mês e minha mãe era empregada da casa. Homens insinuavam para ela, uma mulher linda e recém chegada do interior, de algum lugar,, que riam sobre isso também.

Essa é a história que recebi em toda a infância, inclusive, meu pai que trabalhava à noite, via pessoas sendo presas e desaparecidas na Ditadura Civil-Militar. Essas histórias me atravessam e ainda conforme escrevo e lembro, registro um filme em minha memória, pois, elas ganham uma riqueza de detalhes, que eu estou procurando descrevê-las da melhor forma, de tudo que me atravessar, e todo o sentido, de ser quem sou hoje.

Após esta estadia, nesta casa horrível, e de um período extremamente difícil, meus pais se mudaram para a Zona Leste, um local em que era possível alugar casas mais baratas. Moramos em uma ocupação, que hoje compreendo que meu pai, que ele “não invadiu” nada. Estava em uma ocupação e que foi vendida, e paga em longos anos prestações infinitas. Com pouco estudo, meu pai não sabia que tudo foi forjado. E tínhamos que mudar novamente, e mais uma vez, continuamente.

Minha vida, até aquele momento, era estudar em uma escola, que minha mãe, a vizinha ou alguém pudesse me levar e buscar. Via a necessidade diária de trabalhar. Depois de muito custo, consegui com 11 anos começar a trabalhar e continuar a estudar. Isso eu percebia ser a única alternativa para eu conseguir o melhor para os meus pais e meus irmãos.

Terminando o segundo grau, eu não sabia qual o caminho a seguir. Após dois anos sem ter um rumo definido, eu descobri um cursinho pré-vestibular que me auxiliou no percurso para a graduação. Esse processo foi doloroso e angustiante, não me reconhecia nas pessoas, precisava continuar para contribuir com a consistência de ajudar em casa.

Mesmo assim, com essa dificuldade inicial, tudo foi ganhando forma à medida que eu percebia o meu lugar, em que eu crescia em minha carreira, e também na prática de ajudar. A concorrência não me chamava atenção. Eu sempre soube que gostaria de ajudar, em tudo que fizesse sentido. As dores e alegrias de refletir a continuidade de carreira, começar família, ingressar na docência e de poder contribuir com as mudanças no processo de ensino, de estar na contabilidade, de reconhecer que muitos lugares que estive estavam mais relacionados mais com a minha imagem, uma mulher branca, de olhos verdes, cabelos claros, do que talvez somente com a minha competência e com minha determinação. Sim, realmente foi assustador quando comecei a compreender e a sentir isso.

No ambiente corporativo, desenvolvi minha carreira em muitas empresas multinacionais na área contábil, empresas de destaque, em que aprendi muito, e sou grata, as vagas eram as mais concorridas e com a percepção de que poucas mulheres estavam em cargos de decisão ou gerindo grupos de trabalho de destaque. Ocorria um incômodo de permanência e a angústia, na continuidade, de ser um círculo contínuo, e das ausências destes profissionais que gostariam de serem ouvidos, mesmo sem saber.

1.2. Minha trajetória acadêmica: ausências e silenciamentos

Esse processo de incômodo e, muitas vezes, de indignação, levou-me a buscar aprofundamento teórico. Dessa forma, foram necessários alguns anos para compreender o processo de acesso, como funcionava cada uma das fases, o que era o projeto e qual era a quantidade de documentos para submeter. O próprio projeto e suas particularidades em que a maioria das fontes estão dispersas e com um vocabulário específico, ao qual me adaptei, estudei, e, de forma determinada, incorporava aquele que ainda parecia um mundo paralelo.

Após inúmeras tentativas sem sucesso, e alguns episódios em que senti que, como eu não tinha uma linhagem acadêmica, eu não poderia estar naquele ambiente, permaneci resistindo, independentemente de todos os “nãos” que recebia. Eu tentei inúmeras vezes o processo de mestrado, em programas diferentes, realizando o teste do ANPAD (associação nacional dos programas de pós-graduação em administração) até atingir a pontuação necessária.

O distanciamento do mundo corporativo, ou das empresas para as quais eu prestava serviço, era necessário para o aprofundamento nos estudos. Causava-me um estranhamento porque eu sempre trabalhei e o meu salário era consideravelmente robusto.

Entretanto, eu continuaria lecionando, apesar de que o valor da minha hora aula era baixíssimo. Assim, perambulavam em mim alguns sentimentos de angústias: eu precisava continuar recebendo algum dinheiro, para garantir o mínimo de sobrevivência no mestrado.

Acessei com dificuldade e sem direcionamentos o mestrado. Aprofundava a leitura de forma desesperada, já que sentia estar distante e sem argumentos durante as discussões e embasamentos teóricos em sala de aula. Entreguei em 24 meses a minha dissertação, com muita luta e determinação, com alguns artigos publicados, um artigo aceito para apresentação no EnAnpad e um capítulo de livro¹. Minha dissertação tratou do índice de sustentabilidade empresarial como melhor indicador de avaliação para inúmeras formas de aplicação no mercado financeiro. Articulei dentro da B3 a modificação e a apresentação destes índices para os investidores.

Para prosseguimento à minha vida acadêmica, passei por todo o processo seletivo novamente e, ao mesmo tempo, para obter algum recurso, eu voltei ao mundo corporativo, para realizar um projeto que duraria 8 meses e que eu executei em 28 dias. Esse projeto possibilitou o respiro financeiro em alguns meses.

Após a organização da aprovação para cursar o Doutorado, novos desafios e uma série de demandas contínuas e diárias, todos os créditos realizados². Submeti alguns artigos no EnAnpad sobre Retórica e, em parceria, comecei a adentrar em pesquisas sobre gênero, raça e sexualidade. Participamos de vários congressos. Em um deles, muito significativo, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), fomos premiadas com o melhor artigo “O papel da Sociedade e o Compromisso do Governo na Promoção das Políticas Públicas para a Igualdade Racial no Brasil - Relato de Experiência na Vida Acadêmica”, com envio de troféu em nome da organização. Tivemos, ainda, esse artigo publicado em um caderno temático especial. Foram várias publicações e trabalhos que foram realizados em parceria com essa pesquisadora, que vou detalhar na seção sobre os encontros ocorridos, encontros que trouxeram a reflexão sobre os silenciamentos e as ausências.

Defendi minha tese com muita resistência, dor e ajuda de muitos amigos, logo após a partida do meu pai e, desde então, trabalhei orientando trabalhos. Direcionei pessoas que me procuravam para seguir os estudos acadêmicos ou mesmo aconselhamentos para inserção ao mundo corporativo. Sigo trabalhando as reescritas e os entrelaçamentos que traz o impacto que as minhas atividades impactam, com alguns silenciamentos, escuta, acolhimentos, conquistas e realizações.

2. Encaminhamento da pesquisa

No Centro Paula Souza (CPS), durante os 12 anos de trabalho contínuo, minha participação, está subdividida em várias áreas, além da sala de aula, como coordenação de curso, orientadora educacional, qualificação para coordenação pedagógica e direção de unidade de ensino, contato com muitos alunos e professores, com histórias de visibilidades e muitas vezes oportunizando espaços que não conheciam. Atualmente com a vivência acadêmica foi possível chegar, a área de coordenação do nível superior tecnológico, fazer parte de algumas comissões de trabalho, e participar ativamente na formação de docentes e discentes, importante destacar que as articulações ocorridas

¹ Com título de *Social Entrepreneurship as a Catalyst for Social Change - Social Entrepreneurship in Brazil: The Childs Pastoral Project*.

² Fiz em programas de outras áreas de conhecimento, como Ciências Sociais, Economia, e Semiótica. Também realizei o dobro de créditos necessários para obter o título.

viabilizou voz e acesso a novas possibilidades e acompanhamentos da inserção de docentes à pesquisa e formação contínua, acessar novos campos do conhecimento e registrar as atividades acadêmicas que fazem com brilhantismo. Assim foi possível viabilizar o processo e ampliar as oportunidades de carreira acadêmica.

2.1. Acessos e encontros

Permaneci resistente, elaborando pesquisas e atividades que tratam do tema da interseccionalidade e me aprofundando em atividades que tratam de equidade de gênero e dos objetivos do desenvolvimento sustentável, além de oportunizar novas dinâmicas e possibilidades em sala de aula, com aprofundamentos que ocorrem na área contábil.

A perspectiva a seguir será relatar o entrelaçamento das possibilidades encontradas em minha carreira docente e como pesquisadora, em identificações de silenciamentos e de ausências e de processos de possibilitar e oportunizar o protagonismo e a voz:

2.1.1. História 1 e 2 - Alunas(os, es) e ex-alunas(os, es)

O ato de lecionar consiste em contribuir com o processo de ensino e aprendizagem, dentro dos componentes curriculares apresentados no curso. Assim, as relações alunos – professor se conectam. O processo é contínuo e precisa de escuta e de tempo, já que os alunos, infelizmente, que acessam ou se inserem no Centro Paula Souza, normalmente estão em regiões afastadas e com acesso reduzido à informação e às oportunidades, possuem maior dificuldades. Os primeiros processos de acolhimento são apresentar a possibilidade de que é possível, de que vão conseguir terminar o curso técnico ou tecnológico e de que poderão ser e fazer o que quiserem, na continuidade dos estudos e carreira.

Dessa forma, mesmo com inúmeras possibilidades de endereçamento, duas histórias foram possíveis como registro com a autorização de uso dos nomes, que são as histórias que conto a seguir.

Raquel Conceição possuía, segundo familiares, alguns problemas que a impediriam de dar continuidade aos estudos e, mesmo assim, passou em Matemática no Instituto Federal em Sombrio. Inclusive, ela me chamou para uma palestra na instituição, para que eu pudesse dar a minha colaboração com a formação daqueles alunos que se formariam como docentes. A Raquel passou por vários problemas de racismo estrutural, estruturante, e de racismo recreativo. Na Universidade só existia ela de estudante negra. Mesmo assim se formou em Matemática no Instituto Federal de Sombrio, em Santa Catarina, e já está fazendo uma pós-graduação lato sensu. Ela leciona Música e Matemática. Se ela continuasse onde morava, penso que, se não estivesse morta por uma bala perdida ou algum tipo de doença, teria tido filhos ainda na adolescência.

Não longe desse contexto e além do mais bem próximo, inclusive geograficamente, **Mikaelen Brito** foi uma aluna minha também. Era, inclusive, desta mesma turma. Elas enfrentaram inúmeras dificuldades quanto à percepção de acesso. Mikaelen é ex-aluna da PUC-SP em Ciências Contábeis. Foi auditora sênior da PWC. Colaborou com várias atividades dentro da empresa, em ações e em iniciativas na luta contra o racismo. Sofreu e passou por alguns problemas. Precisou se distanciar deste processo de luta e, agora, em uma recolocação, está trabalhando na Deloitte.

O que as duas têm em comum? São mulheres negras que lutam diariamente para ter acesso e para conseguir permanecer em espaços que não foram pensados para elas.

Para que não precisem lutar mais e para que seja possível a permanência, é preciso construir um espaço de acolhimento em que conquistem a possibilidade de ter voz e vez.

Acompanhei e acompanho as suas trajetórias desde de quando elas não sabiam de todas as alternativas que existiam, desde quando duvidavam que era possível, já que algumas oportunidades lhes são retiradas pela postura diária racista da branquitude. Realmente é assustador. É uma situação caótica.

2.1.2. História 3 – Pesquisadora

A pesquisa é algo que sempre busquei como meta dentro do trabalho acadêmico. E este sonho saiu do papel quando encontrei a possibilidade de trabalhar com uma pesquisadora que já trabalhava com gênero, raça e sexualidade. De fato, ela me ensinou muito e tive a oportunidade de ouvi-la, de colocarmos no papel e submetermos para Congressos em que, inclusive, fomos premiadas.

Os artigos fundamentais para o estudo do tema, seguem sendo articulados por pessoas que sofrem e sentiram na pele a falta de acesso. Foram incontáveis reuniões, pesquisas, aprofundamentos, apresentações e congressos. Ela me ensinou muito e me inseriu em inúmeros debates.

No entanto, ela mesma tentou por cinco semestres ingressar no Doutorado na UFABC. Fez inúmeras disciplinas eletivas. Mas, não foi aceita. O que ocorreu efetivamente foi esse último episódio em que ela simplesmente largou tudo: me enviou todos os livros e não quer mais escrever ou falar sobre as questões acadêmicas. De minha parte, estarei aguardando o tempo que for necessário para conseguir (re)encontrá-la e dizer o quanto é importante e fundamental a sua presença na academia.

2.1.3. História 4 – A pesquisa no ambiente institucional - Centro Paula Souza

No Centro Paula Souza (CPS), durante os 12 anos de trabalho contínuo, minhas funções estão subdivididas em várias áreas. Com toda a minha vida acadêmica foi possível chegar na coordenação do nível superior tecnológico, fazer parte de algumas comissões de trabalho, e participar ativamente na formação de docentes e discentes. É importante destacar que as articulações ocorridas viabilizaram a voz e o acesso a novas possibilidades de acompanhamentos de inserção de docentes à pesquisa e à atividades de formação contínua, acessar novos campos do conhecimento e registrar as atividades acadêmicas esses docentes fazem com brilhantismo, mas, que muitas vezes não se apercebem. Assim, foi possível viabilizar o processo e ampliar as oportunidades de carreira acadêmica para algumas pessoas.

2.1.4. História 5 – Lecionar na Uneafro

Oportunizar conhecimento e troca no ambiente dos cursinhos preparatórios para o exame pré-vestibular e para o Enem é um trabalho voluntário que possibilita articular outros campos de acesso e viabilizar a chegada de mais pessoas no ambiente universitário, tanto de alunos quanto de professores que trabalham conosco. Aqui, meu objetivo com essa pesquisa é que possam contar a sua própria história, com seus anseios e, dando-lhes protagonismo, registrar o tamanho da resistência que possuem.

Assim, as relações e configurações das histórias oportunizaram a participação, o acesso e a voz, articulando com discentes, docentes, ex-alunos, e possibilitando o protagonismo, enquanto também apresentam possibilidades de escolhas e acolhimento no ambiente acadêmico.

2.1.5. História 6 – Encontros

A primeira oportunidade de me encontrar com pessoas que eu conseguia ter como referência aconteceu em um Consórcio Doutoral na Universidade de São Paulo, no Congresso USP de Contabilidade. Fui participar da sessão de apresentação porque o título da apresentação me chamou atenção. Quando eu chego na sala, ela já estava muito cheia, mais do que nas outras sessões de apresentação que eu havia participado naquele congresso. Automaticamente percebo que na frente da classe, para iniciar a sua explanação estava uma mulher negra, e sentada ao lado uma mulher branca. Fiquei feliz e ao mesmo tempo entusiasmada, mesmo sem saber exatamente o que significava um consórcio doutoral. Mas, eu senti que ali, naquele ambiente, eu poderia conversar com pessoas em quem eu conseguia me ver, me espelhar. Cada palavra dita, ou cada uma das respostas proferidas por Elas, me impactavam profundamente. Desesperadamente eu peguei o livreto do Congresso para gravar os nomes, que desde aquele momento sabia significariam muito para mim. A partir daquele momento, eu passei a (me) (re)conhecer (nas) Silvia Pereira de Castro Casa Nova e Sandra Maria Cerqueira Silva.

2.1.6. História 7 – Gender, Work and Organization/FGV – Artigo aprovado!!

Particpei desse evento motivada com o tema em um Congresso na FGV. Eu estava refletindo sobre a possibilidade de ter um artigo aprovado, e que eu pudesse falar sobre interseccionalidade. E para compor este projeto, compus com uma amiga-irmã, que me ajudou, e estávamos juntas. O artigo foi aprovado! Fui direto para a apresentação, minha amiga não chegou... desesperada com sua ausência e deslocada, apresentei sozinha, não era como eu havia antecipado. Mas, em uma sessão aberta, comecei a reconhecer as pessoas que de alguma forma eu já havia me encontrado antes. Eu havia visto que elas estariam no Congresso. Foi uma mesa acolhedora.

No dia seguinte, em outra mesa, com muitos detalhes: eram muito diferentes de outros Congressos em que eu participei. Uma mesa composta por mulheres, várias mulheres, e em vários momentos da carreira. Tive a oportunidade de falar com a Silvia, e conversando com ela, entendi que ela poderia me orientar em uma perspectiva de projeto, no embrião do que se tornou minha pesquisa de pós-doutoramento.

2.1.7. Participação, voz e projetos

Vários projetos vieram, junto com acolhimento, tempo e escuta, que inclusive faz parte e se entrelaçam nessa pesquisa, viabilizando voz e amplificando os sons de todas, todos e todes que eu gostaria que soubessem que também têm essa possibilidade. Dessas interações nasceram diferentes projetos, projetos que foram submetidos e com contaram com aprovação: (1) da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, o projeto "A importância da educação financeira e a igualdade de gênero, para o trabalho decente e crescimento econômico perene – ODS – Cartilha"; (2) para a Sempre FEA, o projeto para mulheres empreendedoras Poder de Escolha – Escolha Empreender; (3) com recursos próprios e trabalho voluntário, o projeto de extensão Fala Generas, projeto de extensão para botar a boca no trombone em temas que estão distantes dos currículos dos cursos de contabilidade; (4) em uma colaboração internacional, os Webinários da rede QRCA; (5)

novamente em edital da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão o projeto Práticas Educacionais Queer, decolonial e humanista em áreas de negócio.

Ainda aguardando o resultado da submissão para a Sempre FEA, os projetos: Poder de Escolha – Escolha Empreender – 2.0; Fala Generas e Webinários QRCA; Práticas Educacionais Queer, decolonial e humanista em áreas de negócio.

Os projetos se relacionam ao processo de escuta e de viabilizar voz, com comunicação e escuta ativas, nos locais sociais com os quais que mantenho contatos e posições, de forma a romper barreiras que impeçam a chegada e trânsito da maioria de nós, que não nos reconhecemos nestes espaços, por não conseguirmos ocupar esses espaços, que são considerados de poder e que precisam ser rompidos e ocupados por todas, todes e todos.

Referências

Assis, J.F. (2008) **Mulheres Negras**: como se dá a inserção destas trabalhadoras no espaço empresarial: Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2008. (Dissertação de Mestrado). Disponível em http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/Mulheres_negras_um_ensaio_de_como_se_da_a_insercao_destas_trabalhadoras_no_mundo_empresarial.pdf

Akotirene, C. (2018). **O que é Interseccionalidade?** Feminismos Plurais. Grupo Letramento.

Barbosa, R. P.; Dourado, J. R. S. (2019). **A interseccionalidade nas organizações** – Relato de Experiência Acadêmica e Organizacional. Gender, Work and Organization: a South American Workshop. 21 de novembro de 2019 e 23 de novembro de 2019. FGV. Disponível em <https://eaesp.fgv.br/centros/nucleo-estudos-organizacoes-e-pessoas/projetos/gender-work-and-organization-south-american-workshop>.

Bento, M. A. S. (2006) **Raça e gênero no Mercado de trabalho**. In: ROCHA, Maria Isabel Baltar da. (org.). Trabalho e gênero. Editora 34.

Bourdieu, P. A. (1999). **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Crenshaw, K. (2002) **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Rev. Estud. Fem. 2002. vol.10, n.1, pp. 171-188. < <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011> >

Gonzalez, L. (1988). **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988a.

Gonzalez, L. (1988). **Por um feminismo afrolatinoamericano**. Revista Isis Internacional, Santiago, v. 9, p. 133-141.

Gonzalez, L. (1983). **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. ANPOCS, CAXAMBU.

Gonzalez, L. (1982). **A mulher Negra na Sociedade Brasileira**. In. LUZ, Madel T (Org.). O Lugar da Mulher: Estudos sobre a Condição Feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Hooks. B. (2019). **Intelectuais Negras**. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035/>

Saffioti, H. (1976). **A mulher na sociedade de classes: mito ou realidade**. Petrópolis: Vozes.

Scott, J. W. (1995) **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez.

Sergei, S. D. S. (2000) **O Perfil da discriminação no mercado de trabalho – homens negros, mulheres brancas e mulheres Negras**. Brasília, (Dissertação de Mestrado).

Souza-Lobo, E. (2011). **A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência**. 2 ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

Souza-Lobo, E. (1991). **O Gênero da representação: movimento de mulheres e representação política no Brasil (1980-1990)**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 17 ano 6.

Silva, J. A. C. (2006). **A ascensão da mulher no mercado de trabalho**. In: Estresse no Trabalho: Machismo e o Papel da Mulher. Niterói, RJ: Muiraquitã.

Silveira, R. (2003). **Os salários: mantidas as condições desiguais?** In: As Novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho. São Paulo: Editora SENAC. pp. 151 - 164.

Valenzuela, M. E. (1999). **Igualdade de oportunidades e discriminação de raça e gênero no mercado de trabalho no Brasil**. In: Organização Internacional do Trabalho & Ministério do Trabalho e Emprego. Abertura e ajuste do mercado de trabalho no Brasil. Políticas para conciliar os desafios de emprego e competitividade. Brasília. Editora 34, pp.117-178.